

FRONTEIRAS DA DIFERENÇA E OS DESLOCAMENTOS DO SUJEITO RACIALIZADO – POSSIBILIDADES E PERCURSOS DE UMA MULHER NEGRA

Janaina Oliveira dos Santos
(Graduanda em Letras/Bacharelado – Unirio)

No ensaio “A produção social da identidade e da diferença”, Tomaz Tadeu da Silva defende os movimentos que subvertem os limiões da identidade como possibilidade de questionamento do seu lugar de cristalização. A ideia de fronteira – e a sua transgressão – é colocada como potência de desestabilização dos sistemas de significação e representação. Tentarei neste ensaio seguir a provocação levantada pelo autor, tendo por base as definições de Ferdinand de Saussure acerca da linguagem, servindo-me das minhas próprias experiências enquanto mulher negra.

Definindo – ou confundindo – identidade e diferença.

Identidade é um estatuto constitutivo da nossa experiência no mundo: vivenciar, sentir, comunicar, apresentar “aquilo que se é” institui o sujeito para si e para o outro. Ou seria essa a pretensão quando pensamos em identidade a partir de um lugar comum, em que *ser algo* é entendido puramente como um estado ou fenômeno alojado na essência do indivíduo, apenas esperando para ser reconhecido. “A identidade assim concebida parece ser uma positividade (‘aquilo que sou’), uma característica independente, um ‘fato’ autônomo” (SILVA, 2013, p. 74). E não apenas independente e positiva, mas diria ainda que há um caráter de passividade: as características simplesmente *brotam* do sujeito, nunca são *plantadas*, não se enxergam as ações que implicam a sua produção.

No mesmo caminho a diferença: “aquilo que o outro é” (SILVA, 2013, p. 74). Definida por uma relação de oposição e exclusão, a diferença é tudo aquilo que *eu* não sou. Tanto identidade e diferença, assim à primeira vista, encerram-se em si mesmas, como unidades afastadas, concebidas de maneira singular. As diferenças, aqui, também *brotam* por uma espécie de geração espontânea.

Antes de avançar sobre o território fronteiro, é preciso refazer identidade e diferença por uma perspectiva de interdependência. Não falamos mais de conceitos apartados e unos em si mesmos: identidade e diferença existem apenas e tão somente em uma relação mútua, em que uma começa onde a outra termina. Mais do que isso, a diferença sim, enquanto *processo de diferenciação*, é própria ação que *planta* identidades e diferenças, e não mero resultado, ou mesmo inconveniente das produções identitárias (SILVA, 2013).

Nesse ponto, as definições de Saussure sobre o sistema linguístico contribuem especialmente para o entendimento dessa questão, e me permito explorá-las um pouco.

Signo e valor: sistema, negatividade e diferenciação.

A ideia de diferença é um ponto chave nos conceitos de Ferdinand de Saussure sobre o signo linguístico, e o sistema da língua num todo. Antes mesmo de esmiuçar o primeiro conceito, podemos adiantar que a língua é um sistema que se constitui e se mantém por relações de diferenciação. Chamamos uma pessoa negra de *negra* porque *não é* indígena, que por sua vez chamamos *indígena* pois *não é* branca, e assim sucessivamente.

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 164)

O *valor* do signo linguístico, pois, não é dado anteriormente, não existe fora da língua: é produzido em seu bojo, em confronto com tudo aquilo que ele *não é*. E o que é o signo?

O signo linguístico é uma unidade formada por um *conceito* e uma *imagem acústica*, também chamados *significado* e *significante*, respectivamente. A imagem acústica é a representação do som, como ele se materializa na mente. Importante diferenciá-la do fonema ou do som material: é um fenômeno sensorial. O conceito é a própria ideia, o sentido que o signo carrega. Tanto *imagem acústica* quanto *conceito* possuem caráter psíquico. A relação entre as duas partes é arbitrária – eis o primeiro e fundamental princípio do signo (SAUSSURE, [1916] 2012). Não há qualquer relação causal entre significante e significado: “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 109). Existe uma ligação íntima entre os termos, mas isso não significa dizer que há um vínculo necessário entre, por exemplo, o significante *branca* e o significado *branca*, representado a seguir:

É importante lembrar que o linguista separa *língua* e *fala* dentro da linguagem. Quando falamos *língua* aqui, nos referimos ao conceito saussuriano de sistema de regras e convenções, resultado da função social da linguagem: a língua é homogênea, concreta e exterior ao indivíduo, que não tem poder sobre ela. Não se confunde com a fala, esta sim, resultado da ação individual, ato de “vontade e inteligência” do sujeito (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 45). A tangibilidade dos signos da língua foi fator determinante para que privilegiasse o seu estudo, enquanto a fala apresenta-se em variações ilimitadas.

Desafiando fronteiras

A provocação levantada por Silva sobre os movimentos que subvertem os limites da identidade remeteu-me a antigos questionamentos pessoais sobre minha própria identidade e senso de pertencimento. Impossível não notar expressões como “estrangeiro”, “não sentir-se em casa”, “interstícios” (SILVA, 2013, p. 88-89), e a própria ideia de fronteira – termos que utilizo para falar sobre o meu próprio sentimento de não-lugar.

Sou uma mulher negra que foi criada na Zona Sul do Rio de Janeiro, espaço privilegiado da cidade, onde vivi durante toda a infância até início da vida adulta. O que significa dizer, sem entrar em pormenores, que eu não compartilhava exatamente do mesmo *status* financeiro dos meus colegas e vizinhos. E, sobretudo, considerando a construção histórica do espaço urbano do Rio de Janeiro, não compartilhava da mesma *cor* dos meus pares locais. Durante a infância, talvez o período mais significativo de construção da *identidade*, quando o indivíduo percebe-se diante do outro e parte do mundo – em um processo de *diferenciação* recíproca – eu não tive referências e uma comunidade onde percebesse não apenas diferenças, mas criasse também relações de *identificação* e pertencimento.

Mas onde está essa fronteira? Silva atribui as fronteiras e interstícios aos movimentos *queer* e feminista, ao lugar do gênero e sexualidade, enquanto

mantém raça relacionada às ideias de hibridismo, miscigenação e diásporas (SILVA, 2013). O que proponho é também aqui um deslocamento, sem negar as proposições do autor: a identidade racial pode também ser fronteiriça. E não meramente, ou diretamente, por resultado dos processos de miscigenação.

Como resultado do tráfico e escravização dos povos africanos, e do processo de genocídio da população negra ainda em curso, o signo *negro* carrega em seu significado mais do que traços fenotípicos. *Ser negro* é uma identidade que carrega o histórico de subalternização, violações e estigmas de um sistema racista, que se sustenta na reprodução dessa mesma identidade.

Num país como o Brasil, quando as pessoas ingressam a um espaço publicamente compartilhado, classificam primeiro – imediatamente depois da leitura de gênero – binariamente, os excluídos e os incluídos, lançando mão de um conjunto de vários indicadores, entre os quais a *cor*, isto é, o *indicador baseado na visibilidade* do traço de origem africana, é o mais forte. Portanto, é o contexto histórico da leitura e não uma determinação do sujeito o que leva ao enquadramento, ao processo de outrificação. (SEGATO, 2005, p. 4)

Ter a pele escura e os cabelos crespos é ser lido como *excluído*, é ter a sua própria condição de sujeito negada ou em permanente dúvida, é ser visto como um corpo inferiorizado, sempre passível a violações, que se presta apenas ao trabalho braçal, é não ser considerado pleno de direitos dentro da sociedade – significados que remetem diretamente ao processo de escravização.

Voltando ao conceito de valor, sou negra porque *não sou* branca, nem indígena ou asiática – mas aqui, sobretudo, *branca*. A branquitude enquanto identidade racial positivada é o referencial que determina e, conseqüentemente, negativa todas as outras (SILVA, 2013). Porém, como mulher negra, de fenótipo típico, que cresceu ocupando um espaço de *incluídos*, o reconhecimento da minha identidade desafia os limites impostos. Eu apresento um signo que não corresponde exatamente ao convencional no sistema – seja o sistema linguístico de Saussure ou o sistema de representação, no caso, racista (SILVA, 2013).

Para Saussure, os valores existem a partir da diferenciação e, por isso mesmo, somente se mantêm se não puderem ser confundidos. Por mais sinônimos que uma língua possa ter, esses termos só existem porque ainda é possível estabelecer algum grau de distinção entre eles (SAUSSURE, [1912] 2012). Mas é justamente o lugar da ambigüidade, esta que o processo linguístico tende a suprimir, que Silva reivindica para questionar a essencialização das identidades (SILVA, 2013). Ao borrar os limites da diferença, temos o caráter instável da identidade revelado: ela não é natural nem possui significados prévios.

Quando revelo meu interesse por literatura, quando me expresso de forma articulada e crítica, quando vou a um *vernissage*, a um shopping caro, ou simplesmente circulo pela porção elitizada da cidade com domínio e naturalidade e não sou reconhecida como parte do grupo;

Quando estou nas favelas e periferias do Rio de Janeiro, territórios historicamente negros, e não domino todos os códigos e referências compartilhados, a comunicação por vezes falha, ou quando, pela identificação automática, me perguntam de qual favela eu *sou*;

Ou simplesmente por carregar um corpo de experiências proporcionadas por um território privilegiado, *branco*, muito diferente do cotidiano da população negra brasileira;

Encontro-me numa fronteira e desloco, ainda que de forma pontual e limitada, as significações acerca da minha identidade e do significante *mulher negra* (gênero não é o foco deste ensaio, mas considero inseparável).

Deslocamento e continuidade

Há uma tensão constante entre forças de mudança e permanência na língua. A *imutabilidade* e *mutabilidade* do signo linguístico permitem que ele seja contínuo mas também sofra deslocamentos – é justamente a porção fixa da língua que permite as suas alterações (SAUSSURE, [1916] 2012).

O caráter arbitrário do signo *liberta* e acomoda ao mesmo tempo: não há, a priori, por que preferir o significante *a* ao significante *b*. As reivindicações políticas nesse sentido assentam-se no significado vinculado à imagem acústica – quando o movimento negro reclama o uso da palavra *negra* a *mulata*¹, por exemplo – permanecendo o seu caráter imotivado em relação ao conceito. Não há relação necessária entre o efeito psíquico do *som* da palavra *mulata* com o seu significado histórico e social. No próprio exemplo, a crítica política está exatamente na função de ir contra a acomodação coletiva. Os signos tendem a não se alterar porque a língua é um “fator de conservação”, e ainda pela complexidade do sistema e sua imensa quantidade de signos (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 114).

Quando dizemos que a arbitrariedade também *liberta*, é em sentido restrito: sua mutabilidade é movida pelo social em ação no tempo. Não se trata de uma liberdade em que os indivíduos podem o que bem quiserem – já vimos que a língua é uma instituição de convenções coletivas. Os signos evoluem na linha do tempo histórico “sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados” (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 116). O deslocamento pode acontecer tanto na direção do significante quanto na direção do significado, afrouxando e reconfigurando o vínculo entre as partes.

Conclusão

Então as mudanças são o tempo todo limitadas por forças de resistência, mas também sofrem a ação de forças transformadoras – deliberadas ou não. Podemos concluir junto com Silva que “A repetição pode ser interrompida” (SILVA, 2013, p. 95). O movimento de atravessar ou instalar-se nas fronteiras, voluntário ou não, mostra-se como um caminho para a construção de outras formas de *ser* e se *identificar* que ultrapassem e confrontem as relações de poder.

Como já dito, é claro que esse processo não se dá sem oposição. É interessante notar a expressão “fator de conservação” em Saussure. Aspectos linguísticos são sobretudo sociais.

De fronteira em fronteira, assumindo a diferença como potência, podemos dissociar o significante *mulher negra* das significações de *animalização*, *trabalho servil*, *hipersexualização* e *incapacidade intelectual*. Do desconfortável não-lugar, do estranhamento e incômodo, surgem possibilidades de lugares mais amplos e, quiçá, sem fronteiras.

Bibliografia

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 34ª ed. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SEGATO, Rita Laura. “**Raça é signo**”. **Série Antropológica**, v. 372, 2005, p. 1-16.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. Em: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013, p. 73-102.